

Helena Gonçalves

11-09-10

Sal
gadei
ras
GALERIA

A coragem do óbvio

Apesar das manipulações múltiplas a que foi sujeita a fotografia desde os seus primórdios, ficou sempre um laço residual da imagem ao referente, pelo qual se reconhece “o fotográfico”. A partir desse estrato é possível elaborar as combinações de luz, sombra, traços mais inverosímeis. É possível, também, deixar o suporte ser impressionado pelo óbvio, ou mesmo levá-lo a complexas sofisticacões.

O que perturba logo, nestas quatro fotografias de Helena Gonçalves, é o modo como ela constrói o sentido das imagens. Todas elas são encenações. As cenas têm um sentido imediato, “demasiado” óbvio: o naufrágio-destruição do Ballet Gulbenkian, Saramago bombista-suicida pronto a explodir e a fazer explodir a injustiça do mundo com os seus livros. As imagens reenviam a um referente real artificial, quer dizer, a uma outra imagem. Melhor: ao sentido do sentido que o estado de coisas adquire ao ser assim fotografado. O referente não é pois a realidade indiferente e neutra, mas o significado que dela ressalta. Porque o essencial da construção do óbvio resulta, aqui, da ostensividade da presença do sentido. Da força da imagem como imagem de uma imagem que parece só poder possuir aquele sentido: este emana do real da imagem, não o significa. A cena construída não compõe um símbolo, mas fabrica uma realidade tão intensa que é o sentido do símbolo – a destruição da arte, a guerra, a força da resistência do artista – que é simbolizado pela imagem-instalação. O símbolo-simbolizado emana da intensidade da imagem e toma o seu sentido: é a imagem que interpreta o símbolo e não o contrário.

Tal é a força do óbvio destas fotografias. Diogo Dória tombando na guerra de Espanha dá sentido à imagem de 1936 de Robert Capa que dá (tira) sentido à morte brutal do soldado republicano. O óbvio do óbvio, o reenvio do reenvio que é a fotografia desses reenvios dissolve a neutralidade da representação e faz surgir um real mais real. Com a força de um grito visual, ou de um manifesto.

Mas o óbvio não oferece um sentido único. O sentido que nasce da imagem bifurca, volta-se contra si própria, entra em tensão interna: as teclas do piano de Rodrigo Leão são as balas de um megafone-metralhadora no meio das ruínas (de um país?), os livros de Saramago as granadas que brilham na noite, é no meio de uma acção ofensiva que o soldado de Capa é atingido. Metáforas novamente, regresso ao regime simbólico que, por o ser, permite o elogio da violência? Haverá duas violências, a violência simbólica contra a violência real, literal, da morte, da guerra, da injustiça? Será que, afinal, só a encenação da realidade legitima a simulação da violência? Saramago como falso terrorista contra o terrorismo de toda a espécie de exploração? A encenação dos corpos massacrados dos bailarinos contra o massacre real dos bailarinos?

Mas a força da fotografia, da tensão entre o fundo (negro) e a figura (luz), entre as sombras e os corpos, entre as ruínas e destroços e a fulgurância da presença viva, impedem que se vejam ficções nestas “instalações”. O que dali vem para nós e nos atinge (não são retratos para “contemplar”) é a própria realidade bruta, nua, em tensão intensiva. É esse o sentido das significações que, apesar de bifurcarem, disparam sobre nós, *literalmente*, a violência da revolta contra a violência destruidora. Eis o óbvio obscuro que não pára de fascinar na presença extraordinariamente imóvel – porque em movimento perigosamente iminente – destas fotografias.

JOSÉ GIL

Lisboa, Setembro de 2010

“11.09.10” - Helena Gonçalves

11 Setembro / 2 Outubro 2010

Espaço do Ginjal (Útero), Almada

«É a passividade que entorpece o sentimento»
Susan Sontag in “Olhando o Sofrimento dos Outros”

«11.09.10» é o título da exposição de fotografia de Helena Gonçalves que reúne uma série de 5 retratos de figuras conhecidas da cultura portuguesa e que, no entender da fotógrafa, recorrem à sua expressão artística como forma de dar um contributo para tornar melhor o mundo em que vivemos. Se, como refere Susan Sontag na citação acima mencionada, a “passividade entorpece o sentimento”, Helena Gonçalves tem com este projecto um grito de alerta, de luta e, sobretudo, de resistência. Porque é possível resistir à passividade, à negligência, ao laissez faire, laissez passer.

A arte pode ter um sentido social, cívico e etnográfico, como defende Hal Foster em “The Return of the Real”. É essa a intenção primeira da fotógrafa com esta série: um voltar à realidade, ao nosso quotidiano repleto de injustiças, de violência mas onde cada um pode (e arriscar-me-ia a dizer: deve) dar o seu contributo, utilizando as suas “armas”, no seu sentido figurado e metafórico: como instrumento, argumento, um certo “poder” que a sua arte lhes confere. O poder em provocar emoções, suscitar reflexões, criar discursos e contribuir para novas consciências, estreitando a relação entre ética e estética e reforçando a aproximação entre a arte e a vida.

5 retratos de grande formato, encenados, em ambientes nocturnos como que a querer acentuar o dramatismo que a situação desde logo em si encerra e projecta. 5 figuras da nossa cultura, numa escolha assumidamente pessoal e subjectiva de Helena Gonçalves, apresentam-se com os seus instrumentos de combate a que recorrem na sua actividade artística. 5 ambientes crus, frios, escuros, descaracterizados, não-lugares que, contudo, imediatamente nos remetem para cenários de guerra ou de conflito. Como que num paradoxo, a encenação denuncia a realidade do nosso mundo contemporâneo.

Literatura, música, teatro, dança e artes plásticas. 5 formas de arte. 5 formas de expressão. 5 testemunhos de que é possível o mundo ser melhor, mais consciente, mais justo, mais humano.

Ana Matos

Lisboa, Agosto 2010